

CEDIF

Coordenação de Educação na Diferença

Programa Criança na Creche





MIA COUTO

Jacqueline Barros

“Quando é verdadeira, quando nasce da necessidade de dizer, a voz humana não encontra quem a detenha. Se lhe negam a boca, ela fala pelas mãos, ou pelos olhos, ou pelos poros, ou por onde for. Porque todos, todos, temos algo a dizer aos outros, alguma coisa, alguma palavra que merece ser celebrada ou perdoada pelos demais”.

Eduardo Galeano



**Escritor, poeta, jornalista, biólogo
(preservação da reserva natural da Ilha de
Inhaca, em 1992)
e moçambicano.**

**Prêmio Camões de 2013, Cadeira 5 da
Academia Brasileira de Letras.**

**Mia Couto, pseudônimo de Antônio Emílio
Leite Couto (1955).**

**Publicou seus primeiros poemas aos 14
anos.**

**Em 1974, começou a dedicar-se ao
jornalismo. Trabalhou na “Tribuna”, como
diretor e no jornal “Notícias”, até 1985.**

**1983, primeiro livro de poesias “Raízes de
Orvalho”**

**1985, ingressou no curso de Biologia.
1992, escreveu “Terra Sonâmbula”,
Romance, em prosa poética, uma fábula
passada em Moçambique no
Pós-independência (guerra civil – 10anos).**

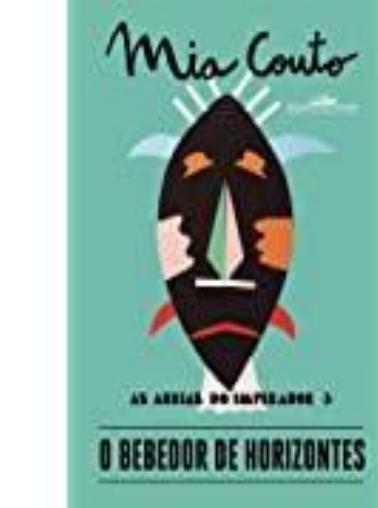
“O escritor é um ser que deve estar aberto a viajar por outras experiências, outras culturas, outras vidas [...] E é isso que um escritor é – um viajante de identidades”.

Mia Couto

**“Umuntu ngumuntu ngabantu”
(Uma pessoa é uma pessoa por causa das outras pessoas).**

Filosofia Bantu

“é pela palavra escrita que convulsionamos o silenciamento de nossas vozes.”



A guerra da independência acabou na assinatura dos “Acordos de Lusaka” (nome da capital da Zâmbia onde o acordo foi assinado), em 7 de Setembro de 1974 (em 1974, Moçambique tinha uma população com 90% de analfabetos). Nesse período foi estabelecido um governo provisório, com representantes da FRELIMO e do governo português. A Frelimo, partido que detinha o poder político, após a independência, entra em conflito interno, causando a desestabilização da economia do país, já fragilizada. Neste período, os escritores moçambicanos contemporâneos contextualizam suas obras em diálogo com uma terra massacrada por guerrilhas, mas repleta de pluralidades culturais. Esse embate durou até o ano de 2002. Mia Couto fez parte da FRELIMO até o final da década de 80.

à ternura pouca
me vou acostumando
enquanto me adio
servente de danos e enganos

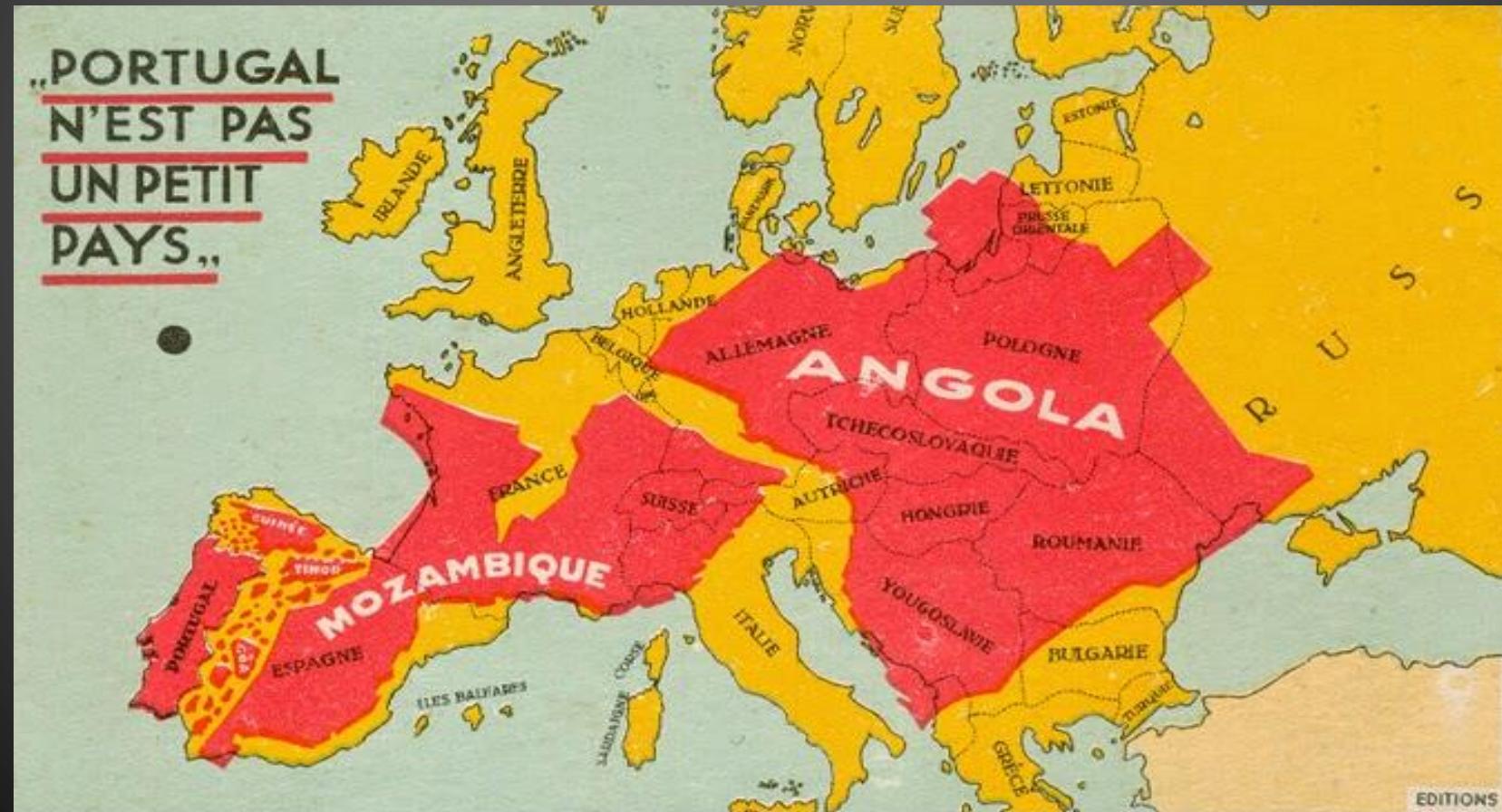
vou perdendo morada
na súbita lentidão
de um destino
que me vai sendo escasso

conheço a minha morte
seu lugar esquivo
seu acontecer disperso

agora
que mais
me poderei vencer?

(Destino, Raiz de Orvalho e outros poemas, 1983)

Mapa divulgado nas escolas de Portugal. O ‘império’ português ensinava que os países africanos que falavam a Língua Portuguesa (Palop), como Moçambique, não podiam sobreviver sem a influência e o sustento de Portugal.



**“A construção da narrativa literária é uma mentira que não mente,
enquanto a política faz o inverso”**
(Jornal *El País*, em 2019)

Pós-independência de Moçambique

Nessa década, diversas manifestações contra o domínio colonial foram feitas no país através da literatura, da arte e de greves de trabalhadores. Essas manifestações tomaram proporções maiores e mais radicais com o desenvolvimento dos movimentos nacionalistas armados, como o movimento FRELIMO, Frente de Libertação de Moçambique (Eduardo Mondlane) e RENAMO, Resistência Nacional Moçambicana (Ossufo Momade).

“É preciso uma paz sustentável, que não seja só uma reconciliação de forças políticas, formalmente estabelecida entre dois partidos, mas entre os cidadãos desse país e entre o cidadão e sua própria cidadania, que ainda está em construção. Isso é tudo novo em Moçambique.

É preciso que haja possibilidade de uma democracia viva, vivenciada pelas pessoas, que não vão lá só dar o voto. A crise que Moçambique vive é uma profunda crise para chegar a um modelo de fazer política que já sabemos que morreu, não é? E nós fazemos de conta que está ainda vivo”

(2014, Jornal *online*, Rede Brasil Atual) .

“Comecei a criar e a contar minhas histórias, porque não tinha a competência para viver, para ser feliz, e tinha de inventar um mundo outro” (Entrevista à Daniella Zupo, 2018).

“A guerra nunca partiu, filho. As guerras são como as estações do ano: ficam suspensas, a amadurecer no ódio da gente miúda” (O Último voo do Flamingo, 2000).

Freud afirma que todo sentido humano se encontra no exercício da linguagem com o semelhante dentro da civilização. Por isso, as lendas, os mitos, as fábulas e as narrativas (orais ou escritas) são o marcadores do significado do ser humano, ao longo da História.

Mia Couto é poeta e prosador do pós-independência (literatura pós-independente).

“A literatura moçambicana era voltada para o questionamento da exploração colonial. É nesse período que (re)floresce o desejo de fundar literariamente a nação, de desvincular a produção literária dos padrões eurocêntricos. Despontava uma forte relação com a política e ganhavam vigor os enfoques com compromisso social” (AMORIM, v.1, FUNDAÇÃO CECIERJ).

Moçambique segue a tradição oral e não escrita. Histórias, ensinamentos, contos, provérbios e tradições são transmitidos assim. Escritores contemporâneos, como Mia Couto, buscam reinventar a sua escrita, resgatando o traço mais marcante do país que está nos elementos da sua cultura: a oralidade. Por isso, são considerados os “griots modernos”.

O poeta busca uma temática a partir da qual o homem e a mulher moçambicanos possam definir “suas posições na sociedade pós-colonial em que vivem” (CHABAL, 1994, p. 24).

**“Que saudade
tenho de nascer.
Nostalgia
de esperar por um nome
como quem volta
à casa que nunca ninguém habitou.
Não precisas da vida, poeta.
Assim falava a avó.
Deus vive por nós, sentenciava.
E regressava às orações.
A casa voltava
ao ventre do silêncio
e dava vontade de nascer.
Que saudade
tenho de Deus.”**

(Poema do livro Tradutor de Chuvas - 2011)



“Entre o convite ao esquecimento da Europa e o sonho de ser americano, a saída só pode ser vista como um passo para a frente. Os intelectuais africanos não têm que se envergonhar da sua apetência para a mestiçagem. Eles não necessitam de corresponder à imagem que os mitos europeus fizeram deles. Não carecem de artifícios nem de fetiches para serem africanos. Eles são africanos assim mesmo como são urbanos de alma mista e mesclada, porque África tem direito pleno à modernidade, tem direito a assumir as mestiçagens que ela própria iniciou e que a tornam mais diversa e, por isso, mais rica” (Mia Couto, 2008).

“Nessa nova fase literária, há um profundo diálogo entre o presente e o passado, reconfigurando não só as fronteiras históricas, como as geográficas, culturais, políticas e identitárias. O escritor moçambicano contemporâneo encontra-se em uma eterna confluência entre aquilo que o país é, aquilo que acabou se tornando e aquilo que almeja se tornar. Muitos dos escritores mais proeminentes dessa nova geração já produziam textos durante o período da guerra de libertação, além de estarem envolvidos politicamente com os movimentos de independência. Após esse período, esses escritores buscam uma consolidação de sua literatura, um amadurecimento de sua produção ficcional. Herdeiros de uma terra que é um mosaico cultural, os escritores moçambicanos buscam mesclar elementos da oralidade e da escrita, em constante diálogo com o passado” (LARANJEIRA, 1995).

“Em Raiz de orvalho e outros poemas (1983), na maior parte dos poemas, substituiu-se o tom engajado da poética de combate por um lirismo intimista. Esta obra resgata, na literatura moçambicana pós-independência, uma poesia de caráter existencial, preocupada, também, com as paisagens do presente e do outrora, com o próprio fazer poético” (AMORIM, v.1, FUNDAÇÃO CECIERJ).

Identidade

Preciso ser um outro para ser eu mesmo

Sou grão de rocha

Sou o vento que a desgasta

Sou pólen sem inseto

Sou areia sustentando o sexo das árvores

Existo onde me desconheço

aguardando pelo meu passado

ansiando a esperança do futuro

No mundo que combato morro

no mundo porque luto nasço.

(1999)

“Sobre as influências de Luandino Vieira e Guimarães Rosa, Mia Couto transgride linguisticamente e contribui para uma renovação estética, explorando as possibilidades do sistema linguístico, jogando com a “oratura” (recolha de textos da tradição oral fixados pela escrita sem alteração por parte do escritor) e com uma escrita que se afirma como herdeira da tradição oral, a “oralitura” (produção que elabora e recria a palavra oral na escrita fixa (MATA, 1998, p. 58). Seguindo a tradição literária, resgata as características mais significativas da cultura oral de tradição e recupera, ficcionalmente, o imaginário popular local”
(AMORIM, v.1, Fundação Cecierj).

“a oralitura conserva em si seu valor de literatura. Portanto, é entendida como linguagem significante, constitutiva da alteridade dos sujeitos, das culturas e de suas representações simbólicas” (MARTINS, 2001, p. 83).

“a oralitura existe trazendo à baila mitos e saberes constituintes do arcabouço cultural de um determinado coletivo” (SILVA, 2000).

“Michael Pollak afirma que a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irredutíveis” (POLLAK, 1989, p. 7).

“Lembrar o passado é uma maneira encontrada pelos negros para se defender dos históricos apagamentos e branqueamentos da cultura nacional, pautada em valores eurocêntricos” (SILVA, 2000).

“A oratura é um campo conceitual distinto da literatura. Designa a herança que é transmitida oralmente, sem recurso à escrita, desde as fórmulas mais curtas (gritos de guerra, trava-línguas, provérbios, etc.), às mais longas (contos, lendas). A sua composição depende exclusivamente da grafia memorial. Seu desempenho implica necessariamente uma interação com um ambiente e um público.

Devido à sua transmissão por gerações, constituem um patrimônio oral que reforça a identidade de uma comunidade.

A oratura é um saber ancorado na experiência de corpos em relação. Todos os sentidos são convocados para este ato relacional de comunicação. Daí ser também um encontro de sentidos, na sua pluralidade, desde a audição à cinestesia. Rosto, presença, toque, escuta, ritual, tempo kairológico, são constitutivos da oratura e abrem outras experiências de vivência em comunidade, distintas das possíveis num universo apenas literário” (GOMES, 2019).

Sotaque da Terra

“Como a poesia nasce da dor?
Eu aprendi a desvalorizar as paredes”
(Primeiro presidente do Vietnã, Hò Chí
Minh).

*Estas pedras
sonham ser casa*

*sei
porque falo
a língua do chão
nascida
na véspera de mim*

*minha voz
ficou cativa no mundo,
pegada nas areias do Índico*

*agora
ouço em mim
o sotaque da terra*

*e choro
como as pedras
a demora de subirem ao sol*

“O povo de Moçambique, porque é religioso
(cristão ou muçulmano), mas
tradicionalmente fruto de uma religião
africana antiga, visita a tristeza, mas não mora
nela. A tradição diz que a tristeza pode
convocar maus espíritos, por isso é preciso
ficar triste, mas não morar dentro da tristeza”
(Mia Couto, “Tirando de Letra”).

Língua, Vidas em Português (documentário de Victor Lopes, 2004)

“O que foi notável foi depois, num processo histórico, que está para além da língua, como é que estas culturas se mestiçaram e, a certa altura, o português perdeu o dono, quer dizer, ficou sem dono. Felizmente. E namorou, e namorou no chão, e namorou na poeira do Brasil, e namorou também aqui, na poeira de Moçambique. Quer dizer, sujou-se, no sentido que o Manoel de Barros dá. Sujou-se nesse sentido em que é capaz de casar com o chão”

(Mia Couto).

Comparamento

Os rios recebem, no seu percurso, pedaços de pau,
folhas secas, penas de urubu
E demais trombolhos.

Seria como o percurso de uma palavra
antes de chegar ao poema.

As palavras, na viagem para o poema, recebem
nossas torpezas, nossas demências, nossas vaidades.
E demais escorralhas.

As palavras se sujam de nós na viagem.

Mas desembarcam no poema escorreitas: como que filtradas.
E livres das tripas do nosso espírito
(Manoel de Barros).

A Fogueira

(Vozes Anoitecidas, 1987)

Observemos a simbologia da morte de acordo com a herança cultural africana, assim como suas múltiplas interpretações acerca da temática, evidenciando que, em oposição à cultura ocidental, os africanos – por uma simbologia transcendental e tradicional – vislumbram a morte como elemento natural, necessário, mítico e, sobretudo, belo.

*“Para que as luzes do outro
sejam percebidas por mim
devo por bem apagar as
minhas” (Mia Couto)*



Obrigada!

